

## **“IT HAD ALL BEGUN LIKE A DREAM” : A ESCRITA COMO PRESENÇA EM SECOND CLASS CITIZEN, DE BUCHI EMECHETA**

Francisco Romário Nunes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa a construção da escrita como instrumento de presença no romance *Second class citizen* (1975), da escritora nigeriana Buchi Emecheta, sob o ponto de vista da personagem Adah, com o objetivo de investigar como a escrita emula o sentido da presença a partir das suas experiências. A narrativa move-se entre dois espaços divergentes, Nigéria e Inglaterra, reverberando diversas problemáticas acerca da condição feminina no contexto de descolonização. Ao longo da história, Adah luta contra o sistema de dominação masculina e promove sua independência a partir do desejo da escrita. Nesse sentido, a personagem encontra-se na escrita de si, tomando consciência de sua existência e marcando sua identidade no território diaspórico. Para compreender os efeitos de linguagem e o papel da escrita como presença, fundamentamos nossas discussões em Fanon (2008), Hall (2013), Anzaldúa (1987; 2000) e Evaristo (2008), entre outras contribuições. Partimos do pressuposto de que a personagem constrói uma escrita-presença no modo como assume sua identidade real, superando a condição opressora imposta ao sujeito feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Nigeriana. Literatura Pós-Colonial. Autoria Feminina. Buchi Emecheta.

### **“IT HAD ALL BEGUN LIKE A DREAM” : WRITING AS PRESENCE IN SECOND CLASS CITIZEN, BY BUCHI EMECHETA**

**ABSTRACT:** This paper analyzes the construction of writing as an instrument of presence in the novel *Second class citizen* (1974), by the Nigerian writer Buchi Emecheta, from the point of view of Adah, aiming to investigating how writing emulates the sense of presence through the character's experiences. The narrative moves in two divergent spaces, Nigeria and England, resonating several issues concerning the female condition in the context of decolonization. Throughout the story, Adah fights against the system of male dominance and promotes independence based on her desire for writing. In this sense, the character writes herself out, becoming aware of her existence and marking her identity on the diasporic territory. To understand the effects of language and the role of writing as a presence, we base our discussions on Fanon (2008), Hall (2013), Anzaldúa (1987; 2000), and Evaristo (2008), among other contributions. We come up with the assumption that the character builds a presence-writing in the way she assumes her real identity, overcoming the oppressive condition imposed upon women.

**KEYWORDS:** Nigerian Literature. Postcolonial Literature. Female Authorship. Buchi Emecheta.

## **Um primeiro olhar**

A produção deste texto sobre o romance *Second class citizen* (1975), de Buchi Emecheta, foi iniciada alguns meses atrás, quando incluímos a autora nigeriana na

---

<sup>1</sup> Francisco Romário Nunes - Doutorando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia - UFBA; Professor Assistente I na área de Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. E-mail: rom.infor@gmail.com

bibliografia literária de uma disciplina de literatura contemporânea em língua inglesa na universidade. Primeiramente, refletimos sobre os efeitos de uma escrita de resistência, levada a cabo por uma autora com uma vasta obra com foco na condição da mulher africana no contexto da pós-colonialidade. Em seguida, tomamos o próprio ato da escrita acadêmica como espaço político de discussão e promoção da obra literária de Emecheta, traçando um perfil sobre a ideia da escrita como Presença.<sup>2</sup>

Nesse sentido, o objetivo do presente texto é analisar o romance *Second class citizen* sob o ponto de vista da protagonista Adah, pensando a construção da Escrita-Presença como instrumento de transformação e autodescoberta da personagem. Propomos, então, a seguinte questão: Quais as potencialidades da escrita para o processo de transformação da personagem-escritora, levando em consideração os atravessamentos identitários e as experiências de ser mulher negra em território diaspórico?

Com base na leitura de autores como Fanon (2008), Hall (2013), Anzaldúa (1987; 2000) e Evaristo (2008), dentre outros nomes, pautamos um panorama crítico sobre o uso da linguagem na produção de identidades, culturas e experiências da escrita de si. O romance de Emecheta dialoga com tais aspectos através da perspectiva da mulher nigeriana, de modo que enfatiza, na tessitura narrativa e para além dela, a Escrita-Presença como força de desconstrução de paradigmas patriarcais e de dominação masculina.

## Efeitos da escrita como presença

Assumir a escrita como território de desconstrução dos silenciamentos históricos e criação de experiências sociais tem sido o caminho de escritoras negras contemporâneas, principalmente no contexto da produção das literaturas pós-coloniais da América Latina e África, onde está inserida a autora nigeriana Buchi Emecheta (1944-2017). Por literatura pós-colonial, entende-se a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos XV e XXI (BONNICI, 2012), quando as línguas europeias se tornaram hegemônicas, com o espanhol predominando na América Latina, e o inglês e o francês na África. A consequente imposição das línguas dos impérios nos territórios colonizados, no entanto, possibilitou a manifestação de uma escrita insurgente, ou seja, apreendida pelos sujeitos colonizados, a escrita passou a ser usada como ato de descolonização, de resistência com engajamento crítico sobre a condição dos próprios povos marginalizados pelos processos de colonização e opressão impetrados ao longo da história.

No caso particular da Nigéria, o país obteve a Independência da Grã-Bretanha em 1960. Entretanto, como pontua Bonnici (2012, p. 309), “a colonização provocou uma série de rupturas tão devastadoras na sociedade colonizada que mesmo depois da Independência os problemas se aprofundaram ainda mais.” Isto se deu porque a burguesia nigeriana passou a copiar os mesmos sistemas e valores europeus

---

<sup>2</sup> Assumimos a palavra “Presença” com letra maiúscula em referência à forma como a autora usa no original (Presence), ao longo da narrativa.

instalando ditaduras e restrições civis no país mais duros do que aqueles do período colonial (BONNICI, 2012). É neste contexto pós-independência que se destacam os textos da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (1977-), em que a autora revisa parte da história da Nigéria narrando “[...] os eventos bélicos e abusos governamentais (BONNICI, 2012, p. 309)” da época. O romance *Purple hibiscus* (2004), por exemplo, trata do tema da ditadura e questões religiosas que contribuíram para oprimir as mulheres no momento pós-colonial.

Antes disso, porém, a figura de Buchi Emecheta se revela como uma autora da diáspora, ou seja, nascida na Nigéria em 1944 – período no qual o país ainda estava subjugado ao império britânico –, ela emigra para a Inglaterra e lá compõe sua obra literária, com destaque para os romances *Second class citizen* (1974), *The bride price* (1976), *The slave girl* (1977) e *The joys of motherhood* (1979). A obra de Emecheta aborda questões associadas à luta das mulheres africanas por direitos como acesso à educação em uma sociedade marcada pela dominação masculina e conflitos tribais, além de problematizar diferenças culturais na relação diaspórica entre Nigéria e Inglaterra. *Second class citizen*, romance objeto de análise, é particularmente expressivo para compreender o papel da escrita na produção da identidade da escritora, uma vez que a história tem traços autobiográficos, representados pelos eventos vividos pela personagem Adah. Nesse sentido, a escrita de Emecheta articula o elemento ficcional com as próprias experiências da autora, bem como mostra o peso de ser mulher negra vivendo na diáspora. Portanto, o romance *Second class citizen* é uma narrativa fundamental para compreender tais delineamentos da escrita de autoria feminina na pós-colonialidade. Partimos do pressuposto de que essa produção literária se caracteriza como uma escrita da Presença, pois fala do Eu como sujeito que se forma no próprio processo de aceitação da identidade negra.

A partir deste lugar de produção literária, a dimensão do existir *para-o-outro* conceituada por Frantz Fanon, no livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), é nosso ponto de partida na compreensão da escrita enquanto um espaço de marcação de identidades e intersecção racial e de gênero. Fanon dedica-se à reflexão do fenômeno da linguagem para compreender a dimensão *para-o-outro* do corpo do homem de cor seguindo a afirmação de que “[...] falar é existir absolutamente para o outro.” (FANON, 2008, p. 33). Através da fala, continua Fanon (2008, p. 33), o sujeito assume uma cultura e suporta o peso de uma civilização. Em outras palavras, a cor da pele negra carrega as experiências de toda a História de um povo subjugado, escravizado e violentado. Este corpo que foi objetificado e explorado como mercadoria – naquilo que se configurou o início do capitalismo moderno (MBEMBE, 2014) – carrega consigo a origem do mundo e da cultura. É nesse contexto de origem, considerando todas as travessias corpóreas, que a voz do negro se reconstrói como presença tanto na oralidade quanto na escrita. Mas como esta inscrição é produzida através do corpo e da voz da mulher negra? Interessamos pensar que antes de falar para o Outro, a escrita fala para o Eu enquanto espaço de construção de identidade. Portanto, reforçamos a premissa de que o romance de Emecheta se insere como uma narrativa performática do Eu negro feminino em ascendência na escrita, demarcando o seu lugar de fala no território da diáspora.

No andamento da história humana, é necessário incluir o corpo e a subjetividade da mulher negra como lugar de produção de linguagem. E esse corpo feminino negro, “[...] uma verdadeira gota de sol sob a terra” (FANON, 2008, p. 56), que se inscreve no texto literário, possui outras problemáticas se comparada com a existência da mulher branca, ou até mesmo com a existência do homem negro, por exemplo. Historicamente, presa às margens da subalternidade, sem condição de exercer sua voz, a mulher negra viu seu corpo ser representado como linguagem a partir da experiência do outro, quase sempre o homem branco, e sempre sujeita a uma dupla dominação: de gênero e de raça. Spivak, no ensaio “Pode o subalterno falar?” (2010), publicado na década de 1980, discute as condições do sujeito subalterno e suas impossibilidades de representar a si mesmo impostas através do controle da linguagem acionado pelo sujeito dominador. Noutro texto escrito em 2010, Spivak revisita alguns pontos e lança outras questões sobre o espaço subalterno, onde a subalternidade – e a própria opressão – era aceita como normalidade no contexto de atuação da autora (SPIVAK, 2014, p. 23). Pensando a experiência pessoal como educadora em regiões da Índia, Spivak endossa a compreensão de que a questão da subalternidade não se encerra com o fim do imperialismo colonial. Para formular uma saída, a autora coloca em cena a própria ideia da educação como ferramenta que precisa ser comprometida com a escuta dos sujeitos que foram silenciados ao longo da história, pois somente por meio desta escuta que os indivíduos subalternizados poderão representar a si mesmos e produzir narrativas sobre suas existências. No romance de Emecheta, para ilustrar, a personagem central, quando criança, constrói seu desejo de ir para a escola contra a vontade dos pais. Ao longo do romance, a condição de ser educada exerce fator fundamental para a formação de Adah – no sentido de ser exposta ao desenvolvimento do seu estado de maturidade e autodescoberta típico dos romances de formação – para a luta pessoal tanto contra a opressão social quanto contra a dominação masculina. Por meio da educação e da possibilidade da autorrepresentação na escrita, a personagem cria uma trajetória onde a subalternidade não é aceita como normal, redimensionando seu lugar de fala e demarcando sua presença no mundo.

Para o sujeito diaspórico no contexto pós-colonial, a demarcação de sua presença através da escrita se torna ainda mais complexa, pois é preciso considerar as questões culturais e as implicações raciais na terra do colonizador. Hall (2013, p. 29) compreende que na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas, pois os elos entre o espaço colonizado e o lugar do colonizador integram a identidade do sujeito imigrante. Portanto, a identidade cultural na pós-colonialidade não é mais fixa, mas cambiante, de modo que os sujeitos imigrantes levam consigo tradições culturais da ex-colônia, bem como adquirem no lugar do Império outros costumes e hábitos. No contexto da África, Hall (2013, p. 34) alerta para o sentido da palavra “África” como uma construção moderna e a sua referência a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas que tinham como ponto em comum o tráfico de escravos. Esta condição histórica permitiu o espalhamento destes elementos para as Américas, e, mais tarde, no caminho inverso, a presença de sujeitos construídos hibridamente na diáspora também influenciou os centros europeus. Contudo, não se pode negar que esse hibridismo não apaga o racismo estrutural e as

estruturas de poder que forçam os sujeitos diaspóricos à exclusão. Nesse sentido, Hall afirma que o conceito fechado de diáspora tem relação com a concepção binária da diferença, ou seja, “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma posição rígida entre o dentro e o fora.” (HALL, 2013, p. 36). Em outros termos, os sujeitos de determinado espaço hegemônico estão inseridos na perspectiva do “Mesmo” e os sujeitos diaspóricos são reconhecidos pelo emblema do “Outro”, do “estranho” e da diferença. Tal modelo encontra ressonância nas “relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo.” (HALL, 2013, p. 38). Diante das novas fronteiras impostas pelos Estados-nação na modernidade, o papel dos intelectuais – e escritores – das diásporas negras deve ser entender os momentos de independência das ex-colônias e demarcá-los como locais de luta cultural, de revisão e de reapropriação, como defende Hall (2013, p. 38), sempre em busca de uma nova construção da fala dos sujeitos oriundos desse entrelugar, para lembrar a leitura de Bhabha (2013).

Sobre a imposição de fronteiras, Hall (2013, p. 39) deixa em evidência que “[...] as culturas sempre recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos.” Com base nisso, a busca pelo controle rígido das fronteiras no contexto pós-colonial se firma não apenas através de barreiras físicas que separam os sujeitos, mas também por meio da construção simbólica da “diferença cultural” ou da separação entre o “Eu” e o “Outro”. Sobre esta instância, Hall afirma:

O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao “Outro”, baseados nessa “diferença cultural” hipostasiada, passou a ocupar seu lugar – o que Sarat Maharaj chamou de um tipo de “sósia-assombração do apartheid” – junto com racismos mais antigos, fundados na cor da pele ou na diferença fisiológica – originando como resposta uma “política de reconhecimento”, ao lado das lutas contra o racismo e pela justiça social. (HALL, 2013, p. 51).

Sendo assim, a trajetória dos sujeitos diaspóricos está marcada pela relação do local com o imperial (HALL, 2013, p. 452), o que configura que eles vivem em uma cultura de fronteira, no sentido do conceito de Anzaldúa (1987), e por isso estão situados entre relações de poder e assimetrias raciais e culturais.

Anzaldúa parte da própria experiência enquanto uma mulher de fronteira (*a border woman*) por viver entre as culturas mexicana e estadunidense, para explicar que as fronteiras (*borderlands*) estão fisicamente presentes onde duas ou mais culturas se entrelaçam, onde pessoas de raças diferentes ocupam o mesmo território, onde sujeitos de classes opostas se relacionam, onde o espaço entre dois sujeitos é compartilhado com certa intimidade. Como a fronteira Estados Unidos-México é *una herida abierta*, qualquer outra relação fronteiriça produz conflitos e violência, e nesse contato surge um terceiro espaço, uma cultura de fronteira (ANZALDÚA, 1987, p. 3). Segundo Anzaldúa é neste entremeio cultural que vivem *los atravessados* (os mulatos, os mestiços, o *queer*, os chicanos etc.), sujeitos que vivem à margem dos brancos legitimados no poder ou,

fazendo uma referência ao título do livro de Emecheta, são considerados *second class citizens* (cidadãos de segunda classe). E, assim, Anzaldúa escreve:

As fronteiras são criadas para definir os locais seguros e inseguros, para nos diferenciar deles. Uma borda é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite não natural. Está em constante estado de transição. Os proibidos e os banidos são os seus habitantes. (ANZALDÚA, 1987, p. 3).<sup>3</sup>

Determinada a linha fronteira entre duas nações, determina-se, também, a diferença cultural em que aqueles sujeitos – *los atravessados* –, considerados os “bárbaros” que não se encaixam nos anseios do grupo hegemônico ou “civilizado”, são deixados de fora, pois suas culturas foram forçadamente deslocadas para viver na ferida aberta, no terceiro país. No caso das ex-colônias africanas, os migrantes originários destes espaços que viajam para os antigos impérios são atravessados pela intransigente construção da exclusão racial que os joga para bairros periféricos e deteriorados. Pensando o romance *Second class citizen*, ao imigrar com os filhos para a Inglaterra, onde encontra o marido, Adah tem a visão de que ela e os filhos são sujeitos de segunda classe por serem africanos, além de sofrer com o preconceito racial e a estigmatização da sua cultura e o modo de falar o inglês nigeriano. Entretanto, empregada em uma biblioteca, a personagem enxerga no poder da escrita a possibilidade de ser Presença, se não para os outros, para si mesma.

Ainda pensando com Anzaldúa, em 1980, a autora publicou uma carta-ensaio intitulada “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, na qual imagina “suas companheiras no escrever” em contextos diversos do mundo. A carta, no entanto, é endereçada às mulheres de cor, especialmente, à mulher de cor que “[...] é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando.” (ANZALDÚA, 2000, p. 229). Elevada pelo sentimento de sororidade, Anzaldúa parte da sua experiência como *chicana*, na cultura de fronteira do Texas, para refletir sobre o ato político da escrita dessas mulheres “atravessadas”, mulheres de cor, e como sua produção gera incômodos nos espaços hegemônicos de poder.

Na perspectiva de Anzaldúa, é preciso priorizar a escrita das mulheres do terceiro mundo – ou do contexto pós-colonial, para melhor se adequar à realidade atual – como forma de significar a si mesmas. Nesse sentido, a autora responde as razões pelas quais é levada a escrever:

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o

---

<sup>3</sup> Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish us from them. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. (ANZALDÚA, 1987, p. 3, todas as traduções não referenciadas são de nossa autoria).

que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Portanto, a demarcação do território da escrita como espaço de tornar-se visível para si e para o mundo legitima as vozes das mulheres que antes eram forçadas ao silêncio. Escrever é existir, significa que a mulher – escritora ou personagem – está viva para reescrever a própria história. Em *Second class citizen*, Adah escreve para alcançar autonomia e escapar da dominação masculina. Anzaldúa (2000, p. 232) afirma que “o ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como ‘outro’ — o escuro, o feminino.” Através do sentido pessoal, Emecheta cria Adah, uma personagem que busca conhecer a si mesma, enquanto uma mulher da diáspora, na fronteira cultural que permeia toda a sua existência, desde quando era pequena na cidade de Lagos até o momento quando vive em Londres, com Francis, o marido abusivo, e precisa conciliar a atenção às crianças com o trabalho em uma biblioteca. Dessa forma, a escrita de Adah – e também de Emecheta – formula-se como Presença, pois se faz presente exatamente na fronteira cultural, na constante travessia de sua vida. Esta experiência pessoal da personagem-escritora é o que a torna humana e real. Para Anzaldúa, não pode existir a separação entre a vida e a escrita, pois “o perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras.” (ANZALDÚA, 2000, p. 233). É por este motivo que “uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.” (ANZALDÚA, 2000, p. 234). Ao enfrentar a linguagem, a mulher de cor se posiciona como um ser livre, construtora da própria história, desconstruindo, assim, os discursos dominantes que visavam apreendê-la por meio de rótulos. A escrita é liberdade. A relação é inversa: dominada pelas mulheres negras, a linguagem também se liberta em novas poéticas da Presença. A história de Emecheta cabe neste lugar.

É possível visualizar a Escrita-Presença em intertexto com o conceito de *escrevivência* postulado pela autora brasileira Conceição Evaristo, na perspectiva da produção da literatura afro-brasileira. A *escrevivência* pode ser entendida como a escrita viva da experiência de afro-brasileiros na construção de uma literatura de resistência, erguida na relação da memória com a História do povo negro. Nesse sentido, com o uso da linguagem, cada memória individual do homem e da mulher negra funciona como testemunho e cria uma memória social (EVARISTO, 2008), reescrevendo, assim, a História e as próprias identidades negras na cultura e nos textos literários. A *escrevivência* reconhece o passado das tradições, das culturas e da força do negro em intersecção com a produção de vivências no presente. Como exemplo, no cotidiano de cada mulher de cor que é atravessado pela violência, pela dominação masculina e por problemáticas de

aceitação de identidade, a linguagem pode ser a ferramenta para esta mulher se libertar, reinventar e *escrever* sua presença no mundo através de formas poéticas. No contexto do romance de Emecheta, Adah encontra a si mesma nos textos que escreve, ao produzir memória de suas próprias experiências no território diaspórico. A memória individual ganha ressonância na existência de outras mulheres que compartilham os mesmos conflitos de identidade e, nesse cruzamento, as histórias se complementam.

Compreendendo as potencialidades da linguagem, a mulher de cor, historicamente silenciada por conta da escravização, do colonialismo e da opressão de gênero, finalmente promove a autoimagem através da escrita, fazendo-se presença pela força da palavra. A composição literária de autoria feminina e negra passou a reivindicar seu lugar de fala no contexto da pós-colonialidade, não apenas no sentido de servir como contraponto ao discurso hegemônico do homem branco, mas para firmar-se como um território ético, estético e poético, ao exercer influência na mudança do processo criativo (BAROSSO, 2017).

A escritora nigeriana Buchi Emecheta insere-se nesse contexto literário. Da sua extensa obra literária, escolhemos *Second class citizen* porque este romance dialoga diretamente com a imagem da escrita como Presença, discutida aqui. A primeira passagem da narrativa “It had all begun like a dream” (Tudo começou como um sonho) que está no título deste trabalho, coloca em perspectiva a ideia do sonho enquanto um desejo original de um sujeito tomar consciência da sua existência. O processo de tomada de consciência da personagem Adah se dá através da escrita de si que ela exerce ao longo da história, primeiro juntando fragmentos de memória e depois construindo seu sonho em realidade, simbolizado pelo termo *Presence* (Presença), que permeia a narrativa da primeira página até o final. É a imagem de uma Escrita-Presença que o romance de Emecheta nos possibilita visualizar na análise produzida na seção seguinte.

## ***Second class citizen* e a escrita como Presença**

*Second class citizen* se passa no momento de descolonização e independência da Nigéria e incide sobre vários temas que envolvem a condição da mulher africana vivendo na margem entre dois espaços: África e Europa. A pressão sobre o sexo feminino para servir ao homem desde o nascimento, a prisão matrimonial e a impossibilidade de condução do próprio destino aparecem na narrativa como fatores enraizados na cultura tradicional da Nigéria, facilitados, à época, pelo aparato colonial britânico, que instituiu, dentre vários artifícios, a religião, por exemplo, para reforçar a soberania do homem em detrimento da autonomia feminina. É nesse sentido que Zulfiqar Chaudhry (2014, p. 65) entende que os romances de Emecheta refletem como a mulher nigeriana está presa em tradições tendenciosas e preconceitos que contribuem para manter o poder masculino e sua autoridade na sociedade. A autora assinala, ainda, que, para Emecheta, as mulheres são as mais negligenciadas de todos os grupos menos privilegiados e os romances sempre retratam mulheres e garotas em situações de abuso cometidas por homens.

Partindo deste contexto opressivo, *Second class citizen* instaura uma perspectiva em que a personagem feminina inicia a criação de uma nova mulher no período colonial, capaz de questionar o regramento social que a coloca como um sujeito inferior. O modo como o romance se organiza, por meio de capítulos em terceira pessoa que traduzem cronologicamente a vida sob o ponto de vista de Adah, indica a transformação da mulher e a respectiva tomada de consciência. Nesse sentido, o sonho da personagem de ser educada e poder escrever sobre si mesma caracteriza-se elemento catalisador dessa mudança de olhar sobre o regime patriarcal. Esta figuração semelhante ao *Bildungsroman*, sobre o desenvolvimento da interioridade da personagem, encontra resíduos no próprio movimento da escrita de Emecheta como um ato de memória reflexiva, pois a história narra acontecimentos a partir de determinado momento na infância de Adah até o nascimento dos seus filhos. As modulações da consciência de Adah compreendem uma cronologia construída na base das experiências da infância, do constante estado de gravidez – uma referência primordial do corpo feminino como linguagem em criação –, da vida de imigrante em Londres, do ato de escrever sobre suas particularidades e dos efeitos de lidar com a figura dominante do marido no espaço estrangeiro.

Desse modo, é na infância de Adah, mais precisamente aos oito anos de idade, que ocorre o primeiro momento de estalo existencial da personagem. Nascida durante a Segunda Guerra Mundial na capital Lagos, “ela era uma garota que havia chegado quando todos estavam esperando e prevendo um menino. Então, como ela era uma decepção para seus pais, para sua família direta e para sua tribo, ninguém pensou em registrar seu nascimento.” (EMECHETA, 1975, p. 7).<sup>4</sup> A história insere a presença feminina como um ser desprezado na estrutura familiar. Nesse sentido, Adah sente sua própria existência como um fardo indesejável. Sem a marcação de um dia de nascimento, a personagem precisa construir sua própria história para identificar-se como sujeito real, daí o sonho de ser Presença: “Alguém podia senti-lo, alguém podia ser dirigido por ele; inconscientemente a princípio, até que se tornasse realidade, Presença.” (EMECHETA, 1975, p. 7).<sup>5</sup>

No tempo colonial, o imaginário civilizatório do Reino Unido servia como motivo para muitos nigerianos viajarem ao Império e depois retornarem para a terra natal com a promessa de ajudar a construir a futura nação. Adah também nutre a ambição de conhecer aquele lugar fantasioso. Mas para isso era preciso desafiar o sistema. A educação começava a ser vista como único caminho para a mobilidade social. No entanto, esse privilégio era basicamente destinado aos homens, e para os Ibos – tribo à qual os pais de Adah pertencem –, geralmente, essa preferência era destinada aos garotos. Na família de Adah, por exemplo, a prioridade é dada ao irmão Boy. A garota não permite esta diferença de tratamento e vai à escola mesmo sem o consentimento dos pais. Chaudhry (2014, p. 69) nota que a obra de Emecheta demonstra que a mulher deve lutar pela sua independência e dignidade e não se deixar sofrer em silêncio. Assim,

---

<sup>4</sup> She was a girl who had arrived when everyone was expecting and predicting a boy. So, since she was such a disappointment to her parents, to her immediate family, to her tribe, nobody thought of recording her birth. (EMECHETA, 1975, p. 7).

<sup>5</sup> One could feel it, one could be directed by it; unconsciously at first, until it became a reality, a Presence. (EMECHETA, 1975, p. 7).

inscrita em um meio que tira todas as alternativas do sujeito feminino de exercer sua vida com plenitude, Adah inicia a desconstrução dessa estrutura opressora a partir do desejo de aprender e ser Presença.

Um traço particular que deve ser observado na infância de Adah é a relação com o pai. A formação da identidade da personagem é influenciada pela figura paterna no modo como a vida de Adah se configura antes e depois da morte de Pa, muito por conta da estrutura masculina dominante na sociedade nigeriana. Contudo, a matriz feminina é posta como uma posição de energia capaz de suplantar a estrutura patriarcal daquela sociedade. Adah costumava ser chamada pelo pai através do apelido “Nne nna”, que significa “a mãe do pai” em Yoruba, língua materna dos Ibos. O próprio nome Adah se aproxima dessa significação narrativa, pois no leito de morte, a avó de Adah prometera ao filho, quando este tinha apenas cinco anos de idade, que voltaria à vida na figura de sua neta. Sem esquecer a promessa da mãe, com o nascimento da filha.

Pa achava que Adah era a própria imagem de sua mãe, embora Adah tivesse nascido dois meses prematuramente. Ele estava bastante certo de que a coisinha úmida e parecida com um macaco com rosto não formado era sua “mãe que voltou”. Então, ela estava cheia de cadeias de nomes: “Nne nna”, “Adah nna”, “Adah Eze”! Adah Eze significa Princesa, filha de um rei. Às vezes a chamavam de Adah Eze, às vezes Adah nne e às vezes Nne nna. (EMECHETA, 1975, p. 13-14).<sup>6</sup>

Os vários nomes marcam a personagem com uma identidade múltipla, atravessada pela memória ancestral da avó, e que a concebem como uma imagem diversa das culturas e das línguas nigerianas representadas pela figura da matriarca que retorna no corpo da neta. Os nomes simbolizam muitos “Eus” que falam e representam as muitas mulheres inscritas naqueles espaços originais. O que percebemos através da voz de Adah é que a personagem nasce trazendo consigo a presença ancestral da mulher africana que, de certo modo, ressoa através do tempo contra os silenciamentos de gênero.

Mas em uma sociedade cujas famílias são geridas financeiramente e moralmente à sombra do homem, o sujeito feminino é levado à submissão, reduzido ao ambiente doméstico como um ser inferior, incapaz de exercer sua liberdade. Considerando que a composição familiar vigente na Nigéria não permitia que uma mulher tivesse o poder de escolhas, tampouco pudesse bancar o próprio sustento, sendo impedida de viver sozinha com os filhos, a perda da figura masculina significa a dissolução familiar. É exatamente esta condição que afeta a família de Adah, pois a morte de Pa reverbera no rearranjo de suas vidas, restando a Adah, Ma e Boy viverem sob a tutela de outros homens: “Ma foi herdada pelo irmão de Pa e Boy foi morar com um dos primos de Pa. Foi decidido que o

---

<sup>6</sup> Pa thought Adah was the very Picture of his mother, even though Adah was born two months prematurely. He was quite positive that the little, damp monkey-like thing with unformed face was his “come back mother”. So she was loaded with strings of names: “Nne nna”, “Adah nna”, “Adah Eze”! Adah Eze means Princess, daughter of a king. Sometimes they called her Adah Eze, sometimes Adah nne and sometimes Nne nna. (EMECHETA, 1975, p. 13-14).

dinheiro da família, cem libras ou duzentas, seria gasto na educação de Boy.” (EMECHETA, 2975, p. 17).<sup>7</sup>

A morte de Pa, no entanto, contribui para o processo de transformação da personagem. Adah não abandona o sentido da Presença, mas recupera o seu caráter discursivo e o torna parte de sua experiência cotidiana ao permanecer estudando: “Desde então, ela começou a ser dominada pela Presença. Existia ao lado dela, como uma companhia. Isso a confortou durante as longas férias escolares, quando ela não podia ir para casa, porque não havia casa para ir.” (EMECHETA, 1975, p. 23).<sup>8</sup> Observamos que a personagem inicia a sua escrita a partir da criação de um subterfúgio ainda na infância, e ao longo do romance, mesmo em face do cerceamento racial e de gênero, essa imagem vai tomando forma e se tornando realidade.

A transição da infância para a adolescência de Adah é marcada pela união precoce com Francis, um jovem condicionado a repetir a posição de dominação masculina transmitida pelo pai. Ele, muito pobre, não tinha condições de pagar o preço da noiva, o que provoca a ira da família de Adah e o conseqüente afastamento. No entanto, para Adah, o casamento com Francis funciona como um acerto, pois ela teve a possibilidade de continuar os estudos. Além disso, ela compreende que sua família não tiraria proveito financeiramente, uma vez que eles haviam contribuído tão pouco para sua educação. Com o matrimônio designando uma tradição cultural que ordena a vida das mulheres, Francis também passa a ser o beneficiário direto da relação, sendo, posteriormente, sustentado com o dinheiro de Adah. Mas a jovem não se importa, desde que sua vontade de ir para o Reino Unido permaneça no horizonte. O emprego de Adah na biblioteca do Consulado Americano garante ao casal não apenas a estabilidade financeira, mas possibilita que Francis, orientado pelo pai, viaje sozinho para Londres com o argumento de que Adah deve continuar em Lagos e enviar dinheiro para bancar os estudos admissionais do marido para o curso de contabilidade.

Após o casamento, o estado de constante gravidez é outra condição prevalente na existência de Adah. Ainda em Lagos, nascem Titi e Vicky. Os filhos passam a ser a nova família de Adah, pois sua mãe falece pouco depois do nascimento de Titi. As perdas familiares evocam o sentido de um deslocamento na relação de Adah com a terra natal. Seu único familiar mais próximo, Boy, já não era motivo para permanecer em Lagos. Motivada pela presença de Francis no país estrangeiro, Adah faz a viagem através do Atlântico para a Inglaterra. Esse movimento é representativo, pois insere uma perspectiva diaspórica em relação ao sujeito feminino, imbricando também aspectos relativos à cultura e à identidade.

Pensando tais pontos, Chaudhry (2014, p. 50) argumenta que a obra de Emecheta é feminista, porque questiona as instituições fundamentais da tradição africana

---

<sup>7</sup> Ma was inherited by Pa's brother, and Boy was to live with one of Pa's cousins. It was decided that the money in the family, a hundred pounds or two, would be spent on Boy's education. (EMECHETA, 2975, p. 17).

<sup>8</sup> Since then she had started to be overawed by the Presence. It existed right beside her, just like a companion. It comforted her during the long school holidays when she could not go home, because there was no home to go. (EMECHETA, 1975, p. 23).

em relação à diferença de tratamento sofrida pelas mulheres, em especial na família, no matrimônio, na autoridade tribal e na maternidade. De todo modo, ao tratar dos conflitos socioculturais entre África e Europa, Chaudhry (2014, p.75) explica que o feminismo de “Emecheta não é contra as culturas indígenas; ao contrário, ela defende a transformação social a partir dos espaços tradicionais. Emecheta apóia o casamento como uma instituição, desde que mulheres e homens tenham uma parcela igual de responsabilidades e poder.”<sup>9</sup> Assim, a ida permanente para Londres aciona em Adah a tomada de um novo posicionamento em relação a esses aspectos, principalmente quando compreende que Francis assume pertencer a uma segunda classe por conta da raça e o vê reproduzir esta assimetria contra ela própria, com o aumento de abusos e agressões físicas. Francis argumenta que a partir do momento em que Adah coloca os pés em território inglês, ela se torna uma cidadã de segunda classe. Essa condição influencia a protagonista a buscar o conhecimento de questões de cultura e de identidade. O emprego como assistente na biblioteca North Finchley proporciona uma nova inflexão na vida de Adah, uma vez que começa a ler as obras de escritores contemporâneos, o que a ajuda a compreender aspectos culturais do novo país.

Os primeiros meses na Inglaterra descrevem a transformação de Adah simbolizada pela passagem do tempo. Seu espírito parece ser regulado pela mudança das estações. Ao mesmo tempo, ela precisa lidar com outra gravidez e com o comportamento repulsivo do marido no que diz respeito à criação dos filhos. Titi sofre agressões de Francis para falar somente em inglês e parar de usar o Yoruba. A tentativa do pai em forçar a filha a falar a língua do colonizador tem a ver com o próprio processo de dominação linguística e cultural da Nigéria pelos ingleses. Esta violência linguística convencionada em território nigeriano é replicada por Francis também no espaço britânico.

As configurações culturais e sociais afetam, sobremaneira, a capacidade de Adah de conceber seu futuro na Inglaterra. Afinal, ir para lá não era o seu maior sonho? Sob o ponto de vista da narradora,

Ela começou a perder a fé em si mesma. Seu sonho de vir para o Reino Unido estava certo, afinal, ou ela era simplesmente uma sonhadora vazia? [...] Ela desejou que a Presença ainda estivesse com ela para lhe dar uma pista, mas parecia ter sido abandonada quando ela desembarcou na Inglaterra. A Presença era seu instinto? Foi muito ativa na Nigéria. Seria porque na Nigéria ela estava mais perto da Mãe Natureza? Ela só queria que alguém lhe dissesse onde havia errado. (EMECHETA, 1975, p. 55).<sup>10</sup>

Podemos associar esse sentimento da personagem ao caráter diaspórico que a coloca na fronteira de tradições culturais diferentes, conforme a concepção de Anzaldúa.

---

<sup>9</sup> Emecheta is not against indigenous cultures; rather she argues for social transformation from within traditional spaces. Emecheta supports marriage as an institution as long as both women and men have equal share of responsibilities and power. (CHAUDHRY, 2014, p.75).

<sup>10</sup> She started to lose faith in herself. Had her dream of coming to the United Kingdom been right after all, or was she simply an empty dreamer? [...] She wished the Presence was still with her to give her a clue but it seemed to have deserted her when she landed in England. Was the Presence her instinct? It had been very active in Nigeria. Was that because in Nigeria she was nearer Mother Nature? She only wished somebody would tell her where she had gone wrong. (EMECHETA, 1975, p. 55).

Sua identidade passa por um processo de transformação em que o próprio entendimento acerca de sua raça sofre alteração. Ela também percebe que Francis sofre as consequências de ser visto como o “Outro” no espaço dominado por brancos. Isso é simbolizado na sua aceitação à religião como um modo de acesso àquele espaço. Sobre a atitude de Francis, “Adah sabia que sua negritude, seu sentimento de negritude, estava firmemente estabelecido em sua mente. Ela sabia que havia discriminação em todo o lugar, mas a mente de Francis era um terreno fértil no qual essas atitudes poderiam crescer e prosperar.” (EMECHETA, 1975, p. 58).<sup>11</sup> O preconceito racial fica mais evidente quando a família é despejada e precisa encontrar outro apartamento para morar, mas a maioria das placas de aluguel trazem a mensagem de que negros não são permitidos. Assim, Adah “[...] estava começando a aprender que sua cor era algo de que ela deveria ter vergonha. Ela nunca teve consciência disso em casa na Nigéria, mesmo quando estava no meio de brancos.” (EMECHETA, 1975, p. 70).<sup>12</sup> A personagem passa a reconhecer os efeitos psicológicos de se sentir inferior em uma sociedade formada por brancos. Nesse contexto, o único lugar onde encontram moradia é em um *ghetto*, no espaço da divisão racial.

O nascimento do terceiro filho, Bubu, impele a personagem a outro estado de transformação. Durante a recuperação do pós-parto no hospital, ela indaga o porquê Francis ser indiferente a ela e as crianças quando as outras mulheres recebiam presentes e carinho de seus maridos. Adah questiona: “O que alguém diz a um homem assim? Que ele é um idiota? Que ele é egoísta? Que ele é um trapaceiro? Ou um assassino?” (EMECHETA, 1975, p. 121).<sup>13</sup> Este momento de reflexão caracteriza um despertar da personagem, que assume um papel contestador acerca do tratamento recebido pelo marido.

Adah traduz os acontecimentos vividos antes e depois da gestação de Bubu em descoberta de si mesma, realçando a sua capacidade de resistir e reescrever uma nova história. A partir desta incursão de autoconhecimento, a personagem se convence de que ela deve confiar apenas em si para a educação dos filhos. A educação que ela tanto lutou para conquistar desde criança torna-se elemento fundamental na narrativa, pois como assinala Chaudhry (2014, p.76), é esta condição que possibilita escapar economicamente de um mau casamento, e no contexto da narrativa, a educação significa a potencialidade de produzir-se como linguagem por meio da escrita, construindo sua Presença no mundo. Nesse sentido, “Emecheta enfatiza a autopercepção e o autoposicionamento político da protagonista e sua responsabilidade

---

<sup>11</sup> Adah knew that his blackness, his feeling of blackness, was firmly established in his mind. She knew that there was discrimination all over the place, but Francis’s mind was a fertile ground in which such attitudes could grow and thrive. (EMECHETA, 1975, p. 58).

<sup>12</sup> [...] was beginning to learn that her colour was something she was supposed to be ashamed of. She was never aware of this at home in Nigeria, even when in the midst of whites.” (EMECHETA, 1975, p. 70).

<sup>13</sup> What does one say to such a man? That he is an idiot? That he is selfish? That he is a rogue? Or a murderer? (EMECHETA, 1975, p. 121).

pelo autoaperfeiçoamento e autocapacitação.” (CHAUDHRY, 2014, p.76).<sup>14</sup> Este sentido começa aos poucos a envolver o espírito de Adah.

No décimo capítulo, intitulado “Applying the rules” (“Aplicando as regras”), pela primeira vez, a narrativa mostra o desejo de Adah de tornar-se escritora antes dos quarenta anos. Para isso, a protagonista precisaria redefinir sua vida. Logo, era necessário prevenir-se contra uma nova gravidez mesmo sem o consentimento de Francis, que acredita que mulheres não podem criar empecilhos do tipo, e que os homens sabem se controlar para evitar a gravidez da mulher. Na tradição nigeriana dos Ibos, a imposição da maternidade é uma forma da mulher exercer maior influência social e quanto mais filhos homens, maiores são as chances de um melhor status na sociedade. No entanto, na Inglaterra, a sociedade é indiferente à quantidade de filhos, sendo mais razoável que uma mulher tenha controle reprodutivo. Consciente disso e na busca de encontrar uma forma para proteger-se de mais uma gestação, Adah tem outro estalo existencial ao observar um pássaro solitário do outro lado da rua. A protagonista é movida pela ideia de liberdade da pequena ave cinzenta em sua solitude. Ela projeta sua imagem na figura do pássaro, de modo que enseja uma vida liberta de todas as prisões. Uma vida em que ela possa educar suas crianças da melhor forma possível, longe de toda a opressão de raça e de gênero, e desmitificando a ideia europeia de que os negros africanos são seres preguiçosos. Adah demonstra orgulho de sua cor, de suas identidades:

Ela era diferente. Os filhos dela seriam diferentes. Todos eles iam ser negros, eles iam gostar de ser negros, ter orgulho de ser negros, um preto de uma raça diferente. Isso é o que eles seriam. Agora ela não aprendera a ouvir o canto dos pássaros? Não foi esse um dos acontecimentos naturais que inspirou seu poeta favorito, Wordsworth? Ela talvez nunca fosse um poeta famoso como Wordsworth, porque ele era ótimo demais, mas Adah se preparava para admirar os cantos dos pássaros, por mais descontrolados que fossem, para apreciar a beleza das flores, por mais extravagante que fosse seu perfume. (EMECHETA, 1975, p. 141).<sup>15</sup>

Essa passagem evoca uma série de perspectivas acerca da imagem da personagem. De um lado, é evidente o desenvolvimento da sua consciência com relação à identidade negra, aceitando-a e demarcando-a como lugar de luta, de reapropriação, como formulado por Hall (2013), bem como se colocando contrária à visão acomodada de Francis de que eles são cidadãos de segunda classe. Por outro lado, a percepção de Adah como uma mulher diferente comunga com os dizeres de Anzaldúa (2000), de que é preciso tomar as experiências da vida e validá-las na escrita como descoberta, construção e autonomia feminina. A referência a Wordsworth é outro aspecto interessante para

---

<sup>14</sup> Emecheta stresses the female protagonist's self-perception/political self-positioning, and her responsibility for self-improvement and self-empowerment. (CHAUDHRY, 2014, p.76).

<sup>15</sup> She was different. Her children were going to be different. They were all going to be black, they were going to enjoy being black, be proud of being black, a black of a different breed. That's what they were going to be. Had she not now learned to listen to the songs of birds? Was that not one of the natural happenings that inspired her favourite poet, Wordsworth? She might never be a famous poet like Wordsworth, because he was too great, but Adah was going to train herself to admire the songs of birds however riotous, to appreciate the beauty of flowers however extravagant their scent. (EMECHETA, 1975, p. 141).

pensar as identidades da diáspora consumindo a poética do colonizador na exata fronteira cultural e linguística.

Ao passo que tenta alçar um primeiro voo de independência, o peso da mão de Francis arde fisicamente no corpo de Adah. Os abusos tornam-se maiores a partir do momento em que ele descobre que sua esposa estava tentando evitar ter mais um filho. Aos vinte e um anos de idade, com três filhos, Adah encontra-se grávida mais uma vez. Porém, a personagem rememora sua trajetória de vida e percebe que este seria mais um desafio, como quando lutou para ser educada. Assim, ela sente a Presença novamente, “[...] a Presença que a dirigiu durante a infância. Ela se aproximou dela em suas orações. (EMECHETA, 1975, p. 150).<sup>16</sup> Neste processo, a protagonista encara uma nova fase de resistência contra a violência do marido, além de conceber o papel da maternidade como uma circunstância que é parte de sua existência. Por possuir traços autobiográficos, a associação de Adah com a própria autora é natural, além do que *Second class citizen* é dedicado aos filhos de Emecheta, onde a autora escreve: *Para meus queridos filhos, Florence, Sylvester, Jake, Christy e Alice, sem cujos doces ruídos ao fundo este livro não teria sido escrito.*<sup>17</sup> Sobre a dedicatória de Emecheta, a escritora estadunidense Alice Walker, no ensaio “A writer because of, not in spite of, her children”, reflete: “Que tipo de mulher pensaria que os ‘ruídos de fundo’ de cinco filhos são ‘doces’? Eu pensei que a dedicatória pudesse camuflar a culpa materna não admitida da autora, mas Emecheta é escritora e mãe, e é porque ela é ambas que ela escreve.” (WALKER, 2001, p. 99-100).<sup>18</sup> Tomando esse ponto de vista, o próprio desejo de escrever de Adah, oriundo do seu trabalho na biblioteca, passa pela experiência da maternidade e a forma como ela busca presentificar a si mesma e seus filhos no manuscrito que escreve. Segundo Walker (2001, p. 101), “dessa forma, ela [Emecheta] integra a profissão de escritora ao conceito de mãe/trabalhadora que retém da sociedade Ibo.”<sup>19</sup> Portanto, a autora desconstrói a visão idealizada da escrita como um lugar de calma, sendo necessário um espaço regrado e ausente de perturbações. A escrita é como a própria vida, com conflitos e dores, mas também com construção de afetos por aqueles que colocamos no mundo, muitas vezes sem o controle dessa condição. Emecheta desenvolve mais profundamente esse conceito no romance posterior *The joys of motherhood*.

Em *Second class citizen*, Adah desenvolve a transição de leitora para escritora a partir do novo emprego que ocupa na biblioteca Chalk Farm. Lá, a protagonista conhece Bill, um canadense com quem conversa sobre livros, especialmente sobre os autores negros além dos já conhecidos nigerianos Chinua Achebe e Flora Nwapa, escritores contemporâneos de Emecheta. Bill apresenta a Adah autores negros dos Estados Unidos,

---

<sup>16</sup> [...] the Presence that had directed her through childhood. She went nearer to It in her prayers. (EMECHETA, 1975, p. 150).

<sup>17</sup> *To my dear children, Florence, Sylvester, Jake, Christy and Alice, without whose sweet background noises this book would not have been written.*

<sup>18</sup> What kind of a woman would think the ‘background noises’ of five children ‘sweet’? I thought the dedication might camouflage the author’s unadmitted maternal guilt, but Emecheta is a writer and a mother, and it is because she is both that she writes at all. (WALKER, 2001, p. 99-100).

<sup>19</sup> In this way, she integrates the profession of writer into the concept of mother/worker that she retains from Ibo society. (WALKER, 2001, p. 101).

como James Baldwin, com quem Adah aprende através de sua leitura que o negro é bonito e, portanto, aprende a ter maior identificação com sua cor. Mais tarde, no nascimento do quarto bebê, a menina Dada, ela admira a beleza da criança, perfeita, uma boneca negra. Assim, entre o trabalho e a maternidade, Adah desenvolve o antigo sonho de escrever: “Por que não tentar escrever? Ela sempre quis escrever. Por que não? Ela correu para a casa de Foyle e comprou uma cópia de *Teach yourself to write* e sentou-se durante todos os meses em que estava amamentando Dada e escreveu o manuscrito de um livro que ela chamaria de *The bride price*. (EMECHETA, 1975, p. 162).<sup>20</sup> *The bride price* é o título do livro publicado por Emecheta em 1976, dois anos depois de *Second class citizen*. Desse modo, a escrita de Emecheta é atravessada pela própria experiência de ser mulher negra vivendo na diáspora e sendo exposta a diversas facetas da dominação de gênero e do preconceito racial. Ao traduzir estas *escrevivências*, para retomar o termo de Evaristo (2008), na criação da personagem Adah, Emecheta produz aquilo que Anzaldúa (2000) defende: é preciso que a mulher de cor escreva sobre sua experiência pessoal e visão de mundo a fim de tornar-se visível para si mesma e para o Outro. Em outras palavras, a escrita é uma forma de a mulher negra ser Presença na realidade que a circunscreve, criando sua própria história.

Adah experimenta um sentimento crescente dentro de si ao rabiscar as primeiras ideias no manuscrito de *The bride price*. Adah sabia que estava se transformando através do ato da escrita e “quanto mais ela escrevia, mais sabia que poderia escrever e mais gostava de escrever. Ela estava sentindo esse desejo: *Escreva, continue e faça, você pode escrever*. (EMECHETA, 1975, p. 164, grifos da autora).<sup>21</sup> Assim, a protagonista coloca no texto tudo o que estava faltando no casamento, no relacionamento com Francis, e nesta breve alegria fabricada no desejo de ser Presença, “escrever, para ela, era como ouvir boa música sentimental. Pouco importava para ela se seria publicado ou não, tudo o que importava era que ela havia escrito um livro.” (EMECHETA, 1975, p. 164).<sup>22</sup> A escrita contribui para a libertação da personagem e as palavras simples e pouco sofisticadas jorravam de sua mente como se estivesse falando rápido, sem conseguir parar. Ao finalizar o manuscrito, Adah sente-se como se tivesse tido um novo filho. As respostas positivas dos colegas de trabalho, especialmente de Bill, que confirma que um livro é como um filho inventado, encorajam-na a conceber aquele sonho como algo real, afinal,

Ela sempre sonhara em se tornar escritora, mas havia dito a si mesma que os escritores sabiam tanto que, antes de fazer sua primeira tentativa de reunir seu conhecimento em um livro, ela teria pelo menos quarenta anos. Mas agora ela tinha escrito *The bride price*, como brincadeira a princípio, mas percebendo que ela estava séria enquanto escrevia. Agora, alguns de

<sup>20</sup> Why not attempt writing? She had always wanted to write. Why not? She ran to Foyle’s and bought herself a copy of *Teach yourself to write* and sat down throughout all those months when she was nursing Dada and wrote the manuscript of a book she was going to call *The bride price*. (EMECHETA, 1975, p. 162).

<sup>21</sup> The more she wrote, the more she knew she could write and the more she enjoyed writing. She was feeling this urge: *Write, go on and do it, you can write it*. (EMECHETA, 1975, p. 164, grifos da autora).

<sup>22</sup> Writing, to her, was like listening to good sentimental music. It mattered little to her whether it was published or not, all that mattered was that she had written a book. (EMECHETA, 1975, p. 164).

seus amigos haviam lido e disseram que estava bom. (EMECHETA, 1975, p. 166).<sup>23</sup>

Os efeitos da escrita redimensionam a existência de Adah. Ela havia sido capaz de escrever em inglês, mesmo não sendo sua língua materna. Aqui, cabe a reflexão acerca da apropriação da língua do colonizador como recurso para o sujeito colonizado inscrever-se na fronteira linguística e cultural do território diaspórico. Adah escreveria usando a língua do Império, a língua de Shakespeare. Construiria a sua história pessoal apropriando-se da linguagem do branco.

Imersa neste sentimento crescente, Adah conta para Francis sobre o livro que escrevera. Este, porém, mantém sua posição dominante e comenta que uma mulher negra insensata como ela, morando em um espaço de brancos, jamais deveria se ocupar em escrever um livro. Então, em uma manhã de sábado, Francis recolhe o manuscrito e o destrói no fogo, com um sorriso triunfante e de deleite. Adah observa sua história sendo consumida pelas chamas, a história que ela contaria aos filhos quando eles crescessem: “Vejam, eu escrevi isso quando eu era jovem, com minha própria mão e no idioma inglês.” (EMECHETA, 1975, p. 170).<sup>24</sup> Apesar de destruir o livro físico, Francis não consegue destruir as experiências e a memória literária de Adah. A Escrita-Presença firma-se na própria história de vida da personagem, alimentada pelo sonho de ser escritora incorporado à sua narrativa cotidiana. A violência física e simbólica impetrada por Francis não desprende a protagonista do caminho percorrido de descoberta e de autonomia. Finalmente, Adah consegue o divórcio do marido e se liberta, não antes de saber que estava esperando mais um filho dele. No entanto, o ato da escrita já havia transformado a personagem-escritora em Presença. Adah terá mais um filho.

## À guisa de conclusão

Iniciamos este texto pensando o lugar da escrita na formação das identidades negras, das culturas de fronteira e da autoria feminina. Traçamos um breve panorama crítico a partir das contribuições de Fanon (2008) e Hall (2013) no sentido de conceber a linguagem e sua produção no território da diáspora. Em seguida, refletimos sobre as potencialidades da escrita desenvolvida pelas mulheres de cor na perspectiva de Anzaldúa (1987; 2000) e Evaristo (2008), incorporando a ideia da escrita como Presença, observada no romance *Second class citizen*, da escritora nigeriana Buchi Emecheta.

Ao analisar o romance de Emecheta, focalizamos a construção e o desenvolvimento da protagonista Adah em diferentes momentos: na infância, na experiência da maternidade, na vida de imigrante e na sua transformação em

---

<sup>23</sup> She had always dreamed of becoming a writer, but she had told herself that writers knew so much that before she made her first attempt at collecting her knowledge into a book she would be at least forty. But now she had done *The bride price*, as a joke at first, but realizing that she was serious as she scribbled along. Now a few of her friends had read it and they said that it was good. (EMECHETA, 1975, p. 166).

<sup>24</sup> Look, I wrote that when I was a young woman with my own hand and in the English language. (EMECHETA, 1975, p. 170).

personagem-escritora. Respondendo à questão de abertura do texto, concluímos que sua busca em produzir uma Escrita-Presença tem a ver com as experiências pessoais produzidas na fronteira de duas tradições culturais, bem como nos conflitos de raça e gênero insuflados pela dominação masculina. Como aponta Chaudhry (2014, p. 89), a obra de Emecheta enfatiza o potencial feminino de dismantelar as estruturas sociais rigidamente concebidas com o intuito de criar uma cultura mais igualitária para ambos o homem e a mulher nigerianos. Nesse sentido, Adah assume a posição de questionar os paradigmas patriarcais, tomando a produção da escrita como espaço de luta e resistência, de demarcação de sua identidade e de defesa da sua autonomia. Esta inscrição tem a capacidade de reescrever a história, fornecendo mais do que discursos, mas dando à vida o próprio sentido da existência.

Finalizamos este texto-passagem com o sentimento de ter contribuído para ampliar o debate acerca da autoria literária feminina, das literaturas pós-coloniais produzidas por autoras africanas de língua inglesa e, especialmente, da escritora nigeriana Buchi Emecheta. Os temas associados a esta produção literária são inesgotáveis e complexos, servindo de conteúdos para muitos estudos e pesquisas por vir, com o entrelaçamento dos mais diversos saberes na contemporaneidade.

## Referências

- ANZALDÚA, G. *Borderlands: the new mestiza = La frontera*. San Francisco: Aunt Lute, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. Tradução de Édna de Marco. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BAROSSO, L. “(Po)éticas da escrevivência”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 51, p. 22-40, 2017.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2012.
- CHAUDHRY, S. Z. *African women writers and the politics of gender*. 2014. 261 f. Tese Doutorado. University of Glasgow, Glasgow, 2013.
- EMECHETA, B. *Second class citizen*. New York: G. Braziller, 1975.
- EVARISTO, C. “Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória”. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, 2008.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaide La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. "In response: looking back, looking forward". In: OLIVEIRA, M. P. [et al.] (Org.) *Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo sul-sul*. Salvador: EDUFBA, 2014.

WALKER, A. "A writer because of, not in spite of, her children". In: DAVEY, M. *Mother reader: essential writings on motherhood*. New York: Seven Stories Press, 2001.

**Recebido em:** 14/06/2020

**Aceito em:** 19/06/2020

**Referência eletrônica:** NUNES, Francisco Romário. "It had all begun like a dream": a escrita como presença em *Second class citizen*, de Buchi Emecheta. *Criação & Crítica*, n. 27, p., nov. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.